Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 784

10 DE OUTUBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Viagens reaes. Effectuaram-se e annunciam-se.

Ha dias, chegou do extrangeiro a rainha sr.ª D. Maria Pia e breve partirão para o Porto, onde vão assistir á inauguração da estatua do Infante D. Henrique, el-rei, sr. D. Carlos e a rainha, sr.ª D. Amelia.

Não foi feliz na sua viagem a rainha mãe, pois, poucos dias decorridos depois da sua saida de Lisboa, encheu-a de horror e magua o brutal assassinato de que foi victima seu querido irmão, o rei Humberto de Italia. A sr.ª D. Maria Pia, depois de haver dado recepção na estação do Rocio a muitas pessoas, que, em grande numero, a haviam ido esperar, partiu em comboio especial para o seu chalet do Mont'Estoril.

Annuncia-se para muito breve a partida do sr. D. Carlos e da sr.ª D. Amelia para o Porto, onde activamente se trabalha para que no dia annunciado possa effectuar-se a inauguração do monumento ao glorioso iniciador dos descobrimentos maritimos, que foram a maior gloria de Portugal.

O monumento é trabalho d'um dos mais notaveis esculptores portuguezes, sr. Thomaz Costa. Não passou, porém, sem protestos o concurso em que lhe foi adjudicada a obra, a qual, desde então, parece ter sido pouco venturosamente bafejada. O programma dos festejos tambem deu logar a mais algumas complicações. E' de esperar que o final da festa seja em tudo digno do grande heroe cujas virtudes vão celebrar-se e que alegremente decorra em meio de enthusiasmos.

O programma definitivo só será conhecido á ultima hora.

Ha cinco seculos que se deu principio á enorme conquista que os marinheiros portuguezes foram fazendo, palmo a palmo, por essa Africa fóra, depois pela India e para além do estreito de Malaca, pelos mares da China e da Oceania.

O que a Africa mudou desde então, que enormes cidades se edificaram, que nações se desenvolveram, que material offerece para a historia da humanidade!

Os ultimos annos — o ultimo mais que os outros — ficarão celebres na historia do sul do grande continente: uma pagina de tragedia, em que, felizmente, Portugal não desempenhou o papel a que o queriam condemnar algumas calumnias estupidas ou vilissimas.

Exposição Universal de Paris de 1900

SECÇÃO AGRICOLA PORTUGUEZA — *Um aspecto do recinto reservado á classe 60* — Vinhos

(Copia de photographia do sr. J. J. de Azevedo)

Mal agoirados foram o congresso da paz realisado na Haya e a circular mandada ás potencias pelo imperador da Russia. Parece que foram o signal para as declarações de guerra: guerra em Cuba, guerra na China, guerra no Transvaal.

E' de esperar que dêem melhor resultado os congressos, que ás centenas, ultimamente se teem realisado em Paris. Não ha assumpto, que os não tenha merecido.

A exposição termina definitivamente no dia 5 de novembro. Todas aquellas construcções estão tremendo do inverno, que se approxima, e cujos ligeiros annuncios já revelaram que nem tudo o que luz é oiro, que o estuque e a pasta não são positivamente marmore e que as montanhas da Suissa em Paris são muito simplesmente de tela mais ou menos bem pintada.

O inverno está comnosco. Os theatros começam a abrir. O *Salta-pocinhas* recebe já os seus amigos todas as noites no Gymnasio e o circo conta as enchentes pelas representações.

As emprezas dos theatros de D. Maria e de D. Amelia já vão fazendo seus reclamos, dizendo os originaes que lhes foram entregues e quaes as melhores peças com que contam dos theatros extrangeiros.

Ha annos, por estes tempos das primeiras castanhas assadas, appareciam pelas esquinas os primeiros cartazes de S. Carlos. Esse agora é mais serodio, espera quasi sempre até ás proximidades do Natal.

Ainda antes que elle abra, teremos no theatro D. Amelia as representações da Duse e da Réjane. Para o fim da epoca visita-nos outra vez Maria Guerrero com o seu bellissimo reportorio classico e a traducção hespanhola do *Cyrano de Bergerac*.

Muito se vae falar em dramas, o que não quer dizer que muito se não tenha d'elles agora falado: dramas verdadeiros, que são os que mais interessam.

O tempo tem corrido prodigo para noticiaristas, infelizmente: mortes e roubos, ferimentos á traição, um suicidio por todos os motivos commovedor.

Angustias de auctoridades, telegrammas que uns a outros se desmentem, esperanças e desesperos, de tudo tem havido n'esse romance á Gaboriau, que vae sendo o crime barbaro do Barreiro, perpetrado contra o pé de meia de dois pobres velhos assassinados, emquanto dormiam.

O homem da boina torna-se heroe. Prende-se um em Condeixa, prende-se outro em Collares; qualquer boina torna-se suspeita; chega a ser perigoso pôr uma boina na cabeça.

Para que na tragedia não falte a parte comica, houve, ha noites, a historia do cão-fantasma, que até lembra um titulo de opereta, para alegrar um pouco as tristezas das duas mortes crueis e da impunidade a que parece estarem destinados os assassinos.

Era um cão a uivar de noite ou eram as almas dos mortos a pedir vingança? O que é certo é que por altas horas se ouviam na villa gemidos pavorosos, barulhos insolitos. Um policia disparou o revolver contra um cão, outros policias dispararam os revolveres para o ar, a sentinella gritou ás armas, a guarda formou, o povo alvoroçou-se e o cão foi fugindo para a praia, são como um pero, illeso como uma alma do outro mundo.

Se o assassino lhe resta tempo para divertir-se não deve ser dos que menos ultimamente teem gosado.

As diligencias para a captura continuam por todo Portugal. O lusio da policia já chegou até Sevilha. Mas por ora tudo sem resultado.

Um verdadeiro romance, como já dissemos.

N'estes casos é muitas vezes um caminho errado que leva ao ponto certo, tal qual a regra de falsa pos'ção com que nos maçaram na mathematica, quando eramos pequenos.

Ha um romancesinho de Gaboriau, intitulado: *Le Petit Vieux des Batignolles* (duas vezes salvo erro) que é no seu genero uma verdadeira maravilha.

Um velho, que tinha alguns bens de fortuna, apparece assassinado no quarto onde dormia. Tinham-lhe cortado as goelas. O mais interessado n'aquella morte era um sobrinho do assassinado e seu principal ou unico herdeiro. Confirmando suspeitas, via-se um dedo do velho, molhado no sangue que lhe jorrara do pescoço, e que parecia ter querido escrever nas taboas do chão as primeiras tres letras do nome do por todos indigitado criminoso.

Accumulavam-se já as provas, quando um policia mais esperto fez uma observação deveras importante. O dedo que escrevêra as letras era o index da mão esquerda!... Um erro, uma distracção do assassino!

E d'ahi uma nova direcção ás diligencias, que, depois de muitas peripecias, vulgares em romances de este genero, levaram o juiz de instrucção a recompôr completamente a scena tragica, tal qual esta se havia na realidade passado.

Preso o verdadeiro criminoso e convencido da inefficacia de qualquer defeza, porque as provas eram esmagadoras, pediu:

— Satisfaçam-me a minha curiosidade. Confesso tudo, mas digam-me como, tendo eu tão perfeitamente planeado o meu crime e tendo-o executado com a maior serenidade e mais ajuizadas precauções, chegaram entretanto a esta para mim tristissima conclusão? D'onde lhes veiu a primeira suspeita?

E o policia esperto, cheio de si, explicou-lhe:

— Um erro seu. Em vez de molhar no sangue o dedo da mão direita para escrever as taes letras compromettedoras, molhou o da mão esquerda.

— E foi por isso!... exclamou cheio de espanto o assassino. Vão lá ser artista!... Pois se o fiz, foi porque o homem era canhoto!

Para que em tudo a historia do Barreiro se approxime d'um romance de Gaboriau, é para desejar um errosinho d'estes, um bom caminho errado, por onde se chegue onde é preciso.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Congressos e mais congressos! Congressos por toda a parte!

Mas só a respeito d'um d'elles vou falar n'esta minha carta, já pela importancia que teve para Portugal, aqui representado por alguns dos seus mais distinctos engenheiros, já pela brilhantissima festa que em Versalhes foi dedicada aos congressistas e suas familias.

Com esses festejos se encerrou o congresso dos caminhos de ferro.

Lá vimos passeando nos decantados jardins de Le Nôtre, assistindo ao extraordinario espectaculo dos jogos das aguas, applaudindo delirantemente Fugère e Carbonne na opera comica *Le Roi l'a dit* e M^elle Charles no bailado *Une aventure de la Guimard*, alguns dos portuguezes que aqui vieram expressamente assistir a esse congresso importantissimo, general Eça, general Couceiro, general Pires de Sousa Gomes e os srs. Xavier Cordeiro, Mendes Guerreiro, Emygdio da Silva, Sarrea Prado, Pedro Folque e Affonso Sarmento.

A festa foi uma verdadeira maravilha.

Representavam o governo os srs. Millerand e Pierre Baudin.

Conversei muito n'essa occasião com um antigo condiscipulo nas escolas de Paris de alguns engenheiros portuguezes, que são nomes de que Portugal póde orgulhar-se, e que nos falou com saudade de Pedro Ignacio Lopes, que a doença tem ultimamente afastado de trabalhos em que tão distincto se tornou, e d'esse originalissimo, fallecido Dr. Lourenço, que pode sempre ser citado entre os mais notaveis chimicos.

Todos estiveram em Paris pela mesma epoca e deixaram nome illustre entre os seus collegas.

Está por um mez esta exposição, que tanto deu que falar e que tantos estrangeiros trouxe e ainda vai trazendo á grande capital.

Continuamos na desagradavel tarefa das despedidas; mas em compensação annunciam-nos a vinda proxima de tres portuguezes illustres: Raphael Bordallo Pinheiro, Columbano e D. Maria Augusta Bordallo.

Valha-nos isso.

Paris, 6 de outubro de 1900.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1900

Secção agricola portugueza

É opinião unanime de quantos compatriotas nossos visitaram a grande feira internacional de Paris, que a secção agricola de Portugal é, não só a parte mais importante da nossa representação, como aquella que mais brilhante e galhardamente se apresenta sob o ponto de vista decorativo. Por isso lhe dedicamos hoje as paginas da nossa revista onde commemoramos sempre as victorias, os successos, as coisas boas e lindas da nossa terra.

A parte da secção agricola de Portugal, de que as estampas representam alguns aspectos, acha-se instalada quasi n'um dos extremos da formidavel Galeria das machinas, que a presente exposição herdou da de 1889. Avisinham-n'a as secções agricolas da Hespanha, pesadamente decorada no estylo da Alhambra, da Hungria, toda *modern-style*, da Dinamarca e do Japão sem motivos ornamentaes de espantar, mas entretanto complicados.

Por forma que a exposição de Portugal com o seu ar campesino, a sua uveira minhôta, as cangas rusticas, o carro e os bois, a latáda, a vindimadeira de Teixeira Lopes, tudo a suggestionar á imaginação scenas dos nossos campos, surge, desabrocha como um sorriso ingenuo e natural, sem pretenções no meio dos brilhantes arrebiques da visinhança.

Entra-se alli para descançar; é fresco, é viçoso; repousa a vista e alegra o espirito: é a impressão que todos sentem, ao visitarem a secção agricola portugueza cujo projecto decorativo foi executado pelo nosso eximio artista Ventura Terra, que por esse motivo obteve dos jurys internacionaes o alto premio de diploma de medalha de ouro.

Toda a secção agricola de Portugal foi dirigida pelos srs. Cincinnato da Costa e D. Luiz de Castro, delegados da Real Associação Central da Agricultura Portugueza junto da Grande Commissão de Lisboa organisadora da secção portugueza na Exposição Universal de Paris; e dizendo *dirigida* queremos indicar que foi programmisada, recolhida, cathalogada, criada, apresentada, emfim, que foi feita d'alto abaixo por aquelles agronomos, coadjuvados pelo seu collega o sr. Joaquim José de Azevedo, auctor eximio dos *clichés* photographicos que hoje reproduzimos.

Da forma como esses trabalhos foram levados a cabo fallam mais alto do que todos os elogios que nós lhes fizessemos os encomios dos jornaes estrangeiros, os pareceres dos visitantes e as recompensas obtidas dos jurys internacionaes para a nossa agricultura.

Relativamente aos outros productos expostos por nós a percentagem de premios *agricolas* foi enorme; se nos reportarmos ás recompensas obtidas pela agricultura de outros paizes ainda o nosso se apresenta preponderante, bastando dizer, para o provarmos, que na classe 60 — *Vinhos* — alcançámos 8 *grands-prix*, numero que nenhum outro paiz vinhateiro alcançou á excepção da França. A este proposito escreve uma revista franceza da especialidade:

«O jury dos vinhos da classe 60 acaba de terminar os seus trabalhos, cujos resultados são brilhantes para Portugal.

«Na Exposição de 1900 Portugal affirma-se como um dos primeiros e melhores paizes productores de vinho, pois obtem *oito grands prix*, quando a Hespanha alcança apenas cinco, assim como a Italia, dois paizes grandes productores de vinhos, comtudo.

E este facto é tanto mais interessante quanto é certo ter Portugal obtido na Exposição de 1889 só dois *grands prix*.

«Eis o numero de recompensas alcançadas: dois *hors concours*, oito *grands prix*, trinta e quatro diplomas de medalhas de ouro, sessenta de prata, setenta e tres de bronze, sessenta e oito menções honrosas, seja um total de dusentos e quarenta e quatro recompensas.

«Alegramo-nos tanto mais com esta victoria, quanto é certo termos já fallado aos nossos leitores da excellencia dos vinhos de Portugal cujo grande merito nós podémos apreciar de perto.»

Na classe 50 — *Cortiças* — obteve Portugal 20 premios, quando a França (Argel e Tunis) alcançou apenas 10, a Hespanha 3 e a Italia 2; devendo notar-se que foi exactamente nas cathegorias altas de recompensas: *grands prix*, medalhas de ouro e de prata, que o nosso paiz alcançou essa superioridade, que assim, é muito mais significativa.

Os nossos *azeites* tambem sahiram victoriosos da prova, assim como as manteigas.

Na classe 38 — *Agronomia e estatistica agricola* — cuja exposição uma das nossas gravuras representa e no jury da qual figuraram personalidades altamente cotadas como E. Tisserand, L. Grandeau, A. Muntz, P. Deherain, D. Sagnier etc., a commissão de Lisboa organisadora da nossa exposição, mereceo um *grand-prix* pelos trabalhos estatisticos, graphicos, mappas, photographias executadas sob a direcção dos srs. D. Luiz de Castro e Cincinnato da Costa e principalmente por moti-

vo dos dois soberbos volumes, feitos expressamente para a exposição: *Le Portugal au point de vue agricole* e *Le Portugal Vinicole*, devidos aos dois representantes da Real Associação da Agricultura já citados.

Do primeiro d'estes livros daremos no proximo numero, aos nossos leitores, por obsequio muito especial, alguns specimens de explendidas gravuras.

O que porém não lograrêmos evidenciar-lhes é o alto valor scientifico e litterario d'essa obra onde collaboraram os seguintes senhores: conde de Ficalho, Paul Choffat, Filippe de Figueiredo, Julio Henriques, Cincinnato da Costa, Larcher Marçal, Rodrigues de Moraes, Paula Nogueira, Telles de Menezes, Monte Pereira, Anselmo de Andrade, D. Luiz de Castro, Pedro Roberto da Cunha e Silva e J. I. T. de Menezes Pimentel, escrevendo o primeiro a *Introducção*, que é mais uma brilhante affirmação dos multiplos aspectos do talento do illustre academico, e os seguintes escrevendo os capitulos: *A geologia de Portugal; A terra aravel e o clima; A flora agricola; O gado; Os vinhedos e o vinho; Os olivaes e o azeite; Os cereaes; Os fructos e as hortaliças; As industrias do leite; As lãs; As fibras texteis; As madeiras e a cortiça; Os productos agricolas dos Açores e da Madeira; O sal; As populações e a propriedade; O credito agricola e as associações ruraes; O ensino agricola* etc., etc.

O volume tem perto de 1:000 pag. *in-quarto*, n'uma primorosa edição da nossa Imprensa Nacional, que obteve na Exposição de Paris dois *grand-prix*: um pelos seus trabalhos typographicos, outro pelas suas edições, alem de mais um ainda, pessoal, ao sr. conselheiro Venancio Deslandes, como director d'esta officina de primeira ordem em qualquer parte do mundo.

O que porém torna tal publicação mais attrahente e elucidativa é o grande numero de magnificas pranchas autotypicas, de illustrações no texto, de mappas, cartas, graphicos, etc.

Ao entrar no seculo XX, Portugal não podia realisar obra mais proficua e monumental do que esta: o balanço do seu patrimonio territorial, da sua agricultura encarada technica e socialmente. No proximo numero nos occuparemos d'ella com a demora e o detalhe de que é digna.

QUESTÕES SOCIAES

(MISERIA)

Uma questão gravissima vae tomando aspecto excepcional nos nossos dias — a questão da miseria.

Accentua-se cada vez mais o egoismo do capital em face das classes trabalhadoras.

O vento da revolta sopra pronunciadamente no seio das massas populares, e ameaça á maneira de lava, abrazar o mundo.

Ha factos historicos de subida importancia psychica, que não devem attribuir-se unicamente á acção moral do homem, e antes parecem determinação providencial do Supremo Ente.

Em vão tentará o ser humano oppôr-se á sua completa expansão no interior das sociedades que os revelam.

Diz o vulgo a respeito de taes phenomenos, que é toleima pretender «emendar o mundo»; e de facto ainda n'esta phrase como em tantas outras é rasoavel a sabedoria das nações.

Por toda a parte onde os homens formaram grupos autonomos, surgiram discordias intestinas, luctas á mão armada, cuja origem explicam amplamente ardentes ambições secretas.

Os romanos souberam traduzir n'uma expressão grammatical, todos os motivos do odio e todas as razões do descontentamento.

«Nemo contentus sorte sua».

Quando a cidade do Tibre chegou a inscrever no inventario das suas provincias o nome dos povos que haviam figurado anteriormente no theatro da Historia, já de ha muito lavravam desintelligencias profundas no meio das diversas camadas sociaes.

A escravidão pesava sobre a maioria dos habitantes do mundo então conhecido, e não era só no Oriente que um escravo apenas tinha cotação de materia bruta, assim tambem o consideraram os espiritos cultos do centro inextinguivel da civilisação das raças, Athenas.

As religiões primitivas degeneraram rapidamente em amalgama indigesto de ceremonias obscenas e de dizeres rendosos de oraculos sem identidade.

O mercantilismo abjecto e a indole velhaca e venal do povo eleito atolava-o constantemente no monturo da grosseria sensual, tornando inefficazes perante o intellecto de semelhante gente os principios doutrinarios da sua legislação primorosa.

Assim se perdia a influencia salutar que elle pudéra ter exercido no animo dos povos estranhos, com os quaes manteve relações.

Sahiria de Israel a luz brilhante das gerações humanas, mas não era a judeus bestificados e cheios de invejas que estava confiada a missão divina.

Os escravos catalogados no rol de simples cousas e objectos de uso não resumiam os unicos entes destinados a um soffrer interminavel: muitos outros, desprovidos de fortuna ou de protecções, vegetavam em situação indefinida, contendo a custo o odio que nutriam contra as violencias da classe favorecida.

A lucta das paixões e a lucta dos individuos, nunca rebentam expontaneas, geram-se em causas viciadas, crescem alimentadas pelo orgulho, robustece-as a prepotencia dos farçantes, provoca-lhes a explosão e explora-as a malicia dos governos.

Harmonisar as differentes classes que constituem as sociedade por meio de formas organicas estaveis, havendo absoluta incompatibilidade de coexistencia com elementos corroidos do morbo da ganancia e da má fé, não será talvez possivel realisar sobre a terra.

Se cada homem compartilhasse interiormente das virtudes angelicas das creaturas celestes, facilmente se estabeleceria no nosso planeta um governo ideal de inteira fraternidade e de pacificação ditosa.

Mais ou menos propensos a invejar a felicidade alheia somos ainda naturalmente inclinados a desconhecer nos nossos semelhantes os direitos de que não queremos prescindir em nossas pessoas.

Aquelle que hontem vertia lagrimas amarguradas sob o peso de trabalho excessivo e soffria oppressão injusta de superiores deshumanos, hoje, invertida a situação, olvida o passado e requinta no abuso.

As excepções a esta regra são tão summamente raras, que quando apparecem, toda a gente celebra com sympathia os seus auctores, e muito especialmente quem lida na sua dependencia.

Dizia não ha muito o erudito director do *Correio Nacional*: «E' doloroso escrevel-o, mas é pela egreja que tem de começar a reforma, se queremos que na escola penetre o ensino religioso.»

Applicando o seu raciocinio ao nosso caso, que aliás abrange na sua complexidade o assumpto a que diz respeito, não duvido affirmar que os symptomas de mau caracter que actualmente se verificam na questão social, promanam directamente dos corpos dirigentes das sociedades.

Por mais que os philosophos labutem na auscultação psychologica da humanidade, por muito intenso que seja o ardor dos melhores estadistas no desejo nobre de promulgar leis genericas, perfeitamente aquilatadas á indole e ás tendencias especificas de cada povo, todo este empenho laborioso terá sido baldado se o seu esforço individual não tomar inicio na correcção prévia dos defeitos proprios.

A verdadeira e unica philosophia da sciencia politica, consiste na valorisação dos actos da vida pela suggestão insensivel do bom exemplo.

A energia da vontade poderá reagir contra todo o procedimento, que se afigure á intelligencia como affrontoso e attentatorio, jamais hostilisará abertamente a isensão austera e a justiça imparcial.

«En général, escreveu Henri Ahrens, l'apparition des doctrines communistes et socialistes à une époque est toujours le signe d'une réaction contre un état social qui, soit par des institutions arbitraires, soit par un régime de castes, d'esclavage, de corporations closes ou de privilèges, soit par des principes d'individualisme en général, a etabli des différences et des rivalités excessives entre les hommens; il semble nécessaire alors de fortifier les liens de communauté, en rappelant á tous les citoyens leur qualité d'hommes et le but commun qu'ils ont á réaliser par leurs efforts combinés».

A falta de precisão nos termos, e as confusões levianas nas disposições affectivas ao regular andamento dos serviços e á respectiva esphera social de cada classe, embargam o advento d'um systema de governo mais conforme ás aspirações legitimas dos individuos e ao alto destino moral da nossa especie.

As theorias sensualistas e o predominio do fatalismo, longe de cohibirem os excessos do crime, avolumam as desconfianças mutuas e agitam as multidões pela ideia de vingança.

«Nous ne concevons pas de dignité, dizia Sismondi, sans distinction, sans superiorité».

E' por formulas legaes consoantes ao espirito das épocas, que convem imprimir direcção ao movimento operado nas sociedades. Se parar equivale a morrer, fingir ignorar o que cumpre á sciencia do direito e ás applicações preceituaes da boa logica, é não graduar cousa alguma e aplanar terreno ás desordens da anarchia.

Proceder com engrimanço, nem se coaduna ás exigencias cavalheirosas da dignidade pessoal, nem castiga efficazmente a insolencia dos energumenos.

Deve pedir-se á philosophia a orientação do criterio, e á vida historica das gerações a lição pratica da experiencia, para assim conseguir concretisar n'uma synthese universal todos os ensinamentos da verdade, e modelar n'um conjuncto harmonico os planos politicos apenas concebidos.

Sobretudo, nenhum homem publico, dotado de intenções rectas e de actividade diligente, deve perder de vista os effeitos desastrosos e as tendencias aggressivas, de que quasi sempre se apressam a lançar mão como arma de seguro alcance os adeptos da demagogia.

Semear a instrucção em larga escala para escardear as impurezas da ignorancia no amago das multidões; consignar em expressão nitida medidas coercivas dos desmandos auctoritarios e obstructivas do incremento desolador dos preconceitos de raça; assignalar a cada grupo social a sua orbita de acção, tornando evidente aos seus membros o alto valor intrinseco do cumprimento do dever; praticar a caridade realmente merecida, tendo em attenção os direitos consagrados e as liberdades justamente adquiridas, tal cumpre que seja a norma que se imponham todos aquelles que pretendem reformar a sociedade, rasgando horisontes vastissimos á civilisação geral.

Não foi certamente para o goso exclusivo de deleites materiaes que appareceu no globo terraqueo um ser com capacidade bastante para devassar os segredos da Belleza increada e attingir as culminações divinaes do genio.

Se não fossemos impressionados pelos conceitos sublimes da virtude severa comsigo mesma; se estimulos internos nos não maleassem para o bem; se nos não differençasse dos demais animaes a potencia formidavel do verbo e o rutilar fulgurante do pensamento não teriamos abraçado a longa existencia de milhares de annos e nunca o progresso seria mais do que uma utopia irrealisavel.

«Mais c'est l'union intime de la philosophie, affirmou o citado escriptor Ahrens, avec l'esprit chrétien qui devient la source la plus féconde en œuvres salutaires pour le progrés social».

O equilibrio de forças nas sociedades constituidas não pode operar-se por meios brutaes mas por principios doutrinarios de sã razão, e nenhuma philosophia inspirou até agora como o Christianismo conselho tão salutar e phrase tão substanciosa:

«Bem faz quem serve mais á communidade que á sua vontade!»

Vem de longe a cegueira do crime e a afflicção da necessidade estrema.

Ainda antes que o ciume nefando tivesse armado o braço fratricida de Cain, já se manifestara em seres humanos o espirito de desobediencia e de ingratidão.

Estas duas formas que reveste o não equilibrio social atravez as idades, são apenas aspectos differentes d'uma unica enfermidade: a miseria.

Se aquelle que não tem pão para a bôca e luz para a intelligencia arrasta uma vida miseravel, á mercê muitas vezes do capricho brutal de egoistas sordidos, não menos miseravel é o agiota inclemente sugando o producto do suor do pobre, e o ladrão, e o assassino, e o incendiario, e as tristes do bordel!

A hediondez da perversidade e o rosto faminto do envergonhado em cujas linhas se desenha nitidamente a figura da morte, são a revelação inconfundivel de condições criticas, determinando de egual modo ao malvado e ao justo uma situação tremenda no abysmo profundo dos males.

Levanta-se, é certo, entre os dois uma barreira enorme, que não permitte confundir no tribunal da consciencia a intenção das acções e o valor do caracter, mas a ambos empolga a desventura, não obstante cahir um sob a alçada da lei penal e o outro merecer sobretudo a attenção da caridade.

Ainda mais; cumpre que haja tambem caridade para com os desgraçados habitantes das prisões, immensas vezes victimas necessarias da educação perniciosa, dos proprios defeitos organicos e dos erros politicos.

A miseria alastra-se tanto mais quanto maior é a sêde do luxo, o estimulo dos prazeres e a incoherencia dos poderes publicos.

Uma causa sem duvida importantissima de degradação moral está na falsa opinião de que o dinheiro é a melhor arma de triumpho, e na corrente viciosa das complacencias redundando quasi sempre em verdadeiras aberrações.

Por seu lado, o melhor medicamento de hygiene publica, consiste em dirigir a educação popular de maneira a estabelecer claramente a natural separação na ordem das classes, sem comtudo procurar quebrar entre ellas os vinculos de auxilio mutuo e de affecto reciproco que aliás devem unir intimamente todos os membros da familia humana.

Todo o systema de politica social que não fôr baseado no empenho de cohibir quaesquer motivos de descontentamento e de escandalo, introduz, embora o possa fazer inconsciente e involuntariamente mais algum ou alguns principios desorganisadores e de incitamento ás paixões ruins.

Abrir uma escola e até muitas escolas, impondo aos paes a obrigação rigorosa de compellirem os filhos á sua frequencia assidua, não é dar satisfação inteira aos deveres concernentes a saude das almas e á policia dos costumes.

E' da mais alta conveniencia moderar os impulsos generosos, quer derivem dos membros do governo, quer partam de iniciativa particular, pois que, desde o momento em que não tenham como consequencia apreciar com escrupulo todas as razões do infortunio e distribuir com a maxima proporção os meios de justo lenitivo, é certissimo o apparecimento de symptomas anormaes de fraudulencia e engano, tornando inutil o esforço attrahente do bem.

Levar o obulo da caridade aos proprios logares onde se palpa a miseria, é preferivel ao systema perigoso de dar esmola aos pedintes das ruas e de violentar em transformação rapida as condições primordiaes da infancia.

A acção da caridade, intrinsecamente boa, não póde deixar de ser acompanhada de judiciosa prudencia, que evitará a embriaguez do fanatismo e a possivel nutrição da má fé.

Não cabe nas forças humanas aniquilar o crime e fazer desapparecer todas as agruras da necessidade, mas é evidente que só depende da energia da vontade reprimir em si mesmo as inclinações improprias da nossa dignidade e pautar os actos exequiveis exteriormente por normas suggestivas de equidade.

As influencias pessoaes não devem servir de inspiração no regimen interno dos estabelecimentos pios e das associações de soccorros, por isso que, sensiveis como todos somos ao que se nos afigura desgraça, é facil que nos seduzam apparencias mentidas.

Quanto á miseria do crime, convém combatel-a pela independencia absoluta dos magistrados judiciaes em face dos delinquentes e dos governos, pela applicação infallivel das penas comminadas nos codigos relativamente aos diversos graus dos delictos, e pela perseguição intransigente aos vadios.

E' esta a parte especial que diz respeito á esphera dos poderes constituidos, e na qual é indispensavel que se mantenham inflexiveis.

Recommenda-se á boa razão dos Estadistas, como um dos mais valiosos sustentaculos da ordem publica e o mais poderoso inimigo do vicio, que elles procurem despertar o amor ao trabalho por incentivos moraes e recompensas legitimas.

Continuará a haver miseria e não será extincta a horda dos miseraveis, mas notar-se-ha a sua declinação crescente, conforme o avivar de todos os brios, a vigilancia serena e firme da auctoridade, o desenvolvimento progressivo das artes e das industrias e o desabrochar não ficticio de todos os sentimentos probos que ennobrecem a natureza humana.

D. Francisco de Noronha.

Exposição Universal de Paris de 1900

SECÇÃO AGRICOLA PORTUGUEZA — *Recinto destinado aos vinhos do Porto*

(Copia de photographia do sr. J. J. de Azevedo

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

1883-1900

(Continuado do numero antecedente)

D'estes nossos compatriotas teem-se principalmente distinguido, as damas Pacini, e Judice, os tenores Antonio Andrade e Roquette, e os barytonos Francisco Andrade e Sousa Coutinho, sobresaindo como estrellas de primeira grandeza, e considerados como celebridades artisticas no mundo lyrico, Regina Pacini, soprano de prodigiosa vocalisação, e o barytono Francisco Andrade, cantor abalisado e grande actor, que com egual facilidade tem cantado em italiano e allemão. Com os seus gloriosos triumphos muito teem estes artistas illustrado o

Exposição Universal de Paris de 1900

SECÇÃO AGRICOLA PORTUGUEZA — *Uma das entradas — No primeiro plano a exposição da casa Sandeman, do Porto ; ao fundo a pittoresca edificação da casa Blandy, da Madeira*

(Copia de photographia do sr. J. J. de Azevedo)

Lograram fazer representar, por completo, operas de sua composição, na scena de S. Carlos, no periodo decorrido de 1883 a 1900, os maestros portuguezes, Alfredo Keil, Augusto Machado, F. Freitas Gazul, e José Veiga (Visconde do Arneiro). Tambem se representou um acto de uma opera de Adolpho Sauvinet.

Apresentamos, em seguida, um quadro das operas, operettas, cantatas e farças, que, pela primeira vez, se cantaram, em italiano, francez, hespanhol ou portuguez, no Real theatro de S. Carlos, de Lisboa, nos ultimos dezesete annos do seculo que vae findar.

Relação alphabetica das operas, operettas, cantatas e farças lyricas, que subiram á scena, no Real theatro de S. Carlos de Lisboa, no periodo decorrido desde 30 de junho de 1883 até 30 de junho de 1900.

Titulo das peças	Anno em que, pela 1.ª vez, subiram á scena
Andrea Chénier, de Giordano	1898
Asrael, de Franchetti	1897
Aydée ou le secret, de Aubert, em francez	1884
Boccacio (1.º acto), de Suppé, em portuguez	1899
Boheme (La), de Puccini	1897
Boheme (La), de Leoncavallo	1900
Branca (D.), de Keil	1888
Carmen, de Bizet	1885
Carmen, (em francez) de Bizet	1893
Cavalleria rusticana, de Mascagni	1891

nome portuguez, fazendo lembrar, nas ruidosas ovações que lhes teem sido prodigalisadas nas principaes scenas lyricas, as manifestações de apreço que, nos fins do seculo passado, acolheram outra nossa compatriota, a celebre cantora Luiza de Aguiar Todi.

Em seguida vão mencionados os que, n'estes ultimos annos, cantaram na opera italiana no theatro de S. Carlos:

Relação alphabetica dos artistas portuguezes que cantaram, na opera italiana, no Real Theatro de S. Carlos, de Lisboa, no periodo decorrido de 30 de junho de 1883 a 30 de junho de 1900.

Antonio Andrade, tenor, 1887, 1888 e 1889.

Carlos Lopes, barytono, 1885 e 1886.

Francisco Andrade, barytono, 1887, 1888 e 1898.

Francisco (D.) de Sousa Coutinho, barytono, 1889,

Joaquim Ottolini da Veiga, baixo, 1891.

Manuel (D.) de Noronha, barytono, 1897.

Maria de Arneiro, soprano, 1891.

Maria Judice da Costa, meio soprano, 1888, 1889 e 1890.

Mathilde Marcello, soprano, 1888.

Regina Pacini, soprano, 1888, 1889, 1892; 1893, 1895 e 1900.

SECÇÃO AGRICOLA PORTUGUEZA — *Recinto destinado á classe 38 — Agronomia e estatistica agricola — Ao cento o grande mappa de Portugal vinicola-viticola*

(Copia de photographia do sr. J. J. de Azevedo)

Cloches (Les) de Corneville, de Planquette, em francez ... 1894
Derelitta (La), de José Veiga (Visconde do Arneiro) ... 1885
Doria (I), de Augusto Machado ... 1887
Duo (El), de la Africana, de F. Caballero, em hespanhol ... 1900
Erodiade, de Massenet ... 1886
Falstaff, de Verdi ... 1894
Faustino (Dr.), operetta de Illydio Amado, em portuguez ... 1894
Favorite (La), de Donizetti, em francez. 1884
Fedora, de Giordano ... 1900
Flavia, (1.º acto). de Adolpho Sauvinet. 1893
Freyschutz, de Weber ... 1894
Galathée, de Victor Massé em francez.. 1884
Gillette de Narbonne, de Audran, em francez ... 1894
Gioconda, de Ponchielli ... 1886
Giulietta e Romeo, de Gounod ... 1887
Guillaume Tell, de Rossini, em francez.. 1884
Irene, de Alfredo Keil ... 1896
Jerusalem, de Verdi, em francez ... 1884
Lakmé, de Léo Delibes ... 1889
Lauriana, de Augusto Machado ... 1884
Luigi (Fra), di Sousa, de Francisco de Freitas Gazul ... 1891
Mala Pasqua, de Gastaldon ... 1891
Manon, de Massenet ... 1895
Manon Lescaut, de Puccini ... 1894
Mario Wetter, de Augusto Machado ... 1898
Mireille, de Gounod, em francez ... 1893
Otello, de Verdi ... 1889
Paggliacci (I), de Leoncavallo ... 1897
Parnaso (No), farça lyrica, de Dias Costa e Filippe da Silva, em portuguez ... 1894
Patria, cantata de Alfredo Keil, em portuguez ... 1890
Pescatori di perle (I), de Bizet ... 1886
Petit abbé (Le), de Grisart, em francez .. 1884
Petit duc (Le), de Lecoq, em francez ... 1894
Promessi sposi (I), de Ponchielli ... 1886
Re di Lahore (Il), de Massenet ... 1884
Saffo, de Massenet ... 1899
Sansone e Dalila, de Saint-Saëns ... 1898
Sejamos castos, operetta, de Illydio Amado, em portuguez ... 1896
Serrana, de Alfredo Keil ... 1899
Stella del Nord, de Meyerbeer ... 1890
Tannhäuser, de Wagner ... 1893
Timbale d'argent (La), de Leon Vasseur, em francez ... 1894
Trouvère (Le) de Verdi, em francez ... 1884
Vascello fantasma, (il) de Wagner ... 1893
Vie parisienne (La), de Offenbach, em francez ... 1886
Werther, de Massenet ... 1899

Setembro — 1900

1883-1884

Summario

A ultima epocha theatral da empreza Freitas Brito.—Grandes fiascos.—Inferioridade da companhia.—As antipathias do publico.—A falta chronica de dinheiro torna-se de alta agudez—Boatos que correm.—Até que por fim Freitas Brito não achou quem lhe emprestasse dinheiro.—O governo rescinde-lhe o contrato—De como o emprezario quebrando não quebrou.—E' nomeado commissario regio Antonio de Campos Valdez—Jubilo nos artistas e no publico.—Obras no theatro—Illuminação—A administração do governo.—Grande *deficit*.—Novos cantores que foram contratados.—Antonietta Pozzoni—Cecilia Ritter—Eugenia Mantelli—Reapparição do tenor Gayarre e de Bianca Donadio.—Cantores da empreza anterior.—Jules Devoyod.—Erminia Borghi-Mâmo—Caetano Ortisi—Reportorio das ultimas recitas da empreza Brito—Reportorio da administração de governo—Programma do concurso para a adjudicação do theatro—O governo adjudica o theatro á empreza Mattos e Valdez—Reportorio da nova empreza—Operas novas.—*Lauriana* de Augusto Machado.—*Re di Lahore* de Massenet—Como a nova empreza animou os compositores portuguezes, apesar do programma o não exigir.—Companhia franceza de grande opera e opera comica.—O telephóne pela primeira vez no theatro de S. Carlos.—Companhia de Vaudeville em S. Carlos com a célebre Céline Chaumond—*Patrie*, cantata de Keil, por amadores no Colyseu.

Inaugurou-se com muito maus auspicios a epocha theatral de 1883 a 1884. A inferioridade da companhia lyrica, ainda mais posta em relevo pelas recordações dos notaveis artistas da companhia anterior; os numerosos fiascos que se deram logo nas primeiras representações; a pouca concorrencia do publico ao theatro, e, como principal causa de proximos desastres, as pessimas circumstancias financeiras da empreza, annunciavam o desfecho que já muitos previam havia longo tempo, mas que repetidas vezes se tinha addiado, com grande admiração dos que sabiam as criticas condições d'esta gerencia theatral. Dissémos, em um trabalho anterior, como o emprezario Freitas Brito tantas vezes conseguira, apesar de proverbial que se havia tornado a falta chronica de dinheiro da empreza de S. Carlos, obter adiantamentos; sendo tido como principal credor o Banco Lusitano. Mas tantas vezes se repetiram estas scenas que, por fim, tornava-se summamente difficil encontrar quem adiantasse dinheiro, com a quasi certesa de o considerar perdido. Uma circumstancia vinha tornar ainda mais precaria a situação financeira da empreza, era não querer o governo adjudicar-lhe o theatro para os cinco futuros annos.

Havia já muito tempo que eram grandes as antipathias da maior parte dos frequentadores do theatro contra a empreza. Logo nas primeiras recitas houve grandes fiascos; taes foram os do tenor Papeschi, do barytono Souvestre, e da dama Belocca. O primeiro e a ultima tiveram que retirar-se perante as hostilidades do publico; a ultima sobretudo foi motivo de grande tormenta; acolhida na *Aida* com grande pateada e troça, a dama Bellocca teve um ataque de nervos, e não se prestou a cantar o 4.º acto. O publico, que estava tambem nos seus momentos de nervosidade bulhenta e tumultuosa, não deixou continuar o espectaculo, não admittindo nem o 4.º acto da *Aida* sem *Amneris*, nem o 5.º acto do *Fausto* que a empreza queria dar em tróca. A empreza que abrira o theatro em 7 de outubro, tinha a muito custo chegado ao dia 6 de novembro em que se deu este grande fiasco.

Ao mesmo tempo a crise financeira estava no seu auge. Ainda assim o emprezario no dia 10 de novembro conseguiu obter do governo o adiantamento de uma quinzena. Era, porém, pouco. Segundo se dizia, a situação era aggravada pelos embaraços que lhe suscitava um opulento banqueiro, que já anteriormente fôra solicitado para adiantar dinheiro, mas que agora se apresentava, como portador de uma lettra de Joséphine de Retzké, contra a empreza, por ordenados que esta lhe ficára devendo. Não sabemos se houve mais essas difficuldades; o que é certo é que não se tornavam precisas para precipitar a queda da empreza.

Até 10 de novembro, isto é durante pouco mais de um mez da estação theatral, Freitas Brito recebeu 14:710$000 réis de subsidio. Então o governo negou-se a fazer mais adiantamentos. Recusou tambem o pedido do emprezario para levantar o deposito de 8:000$000 réis que, pelo seu contrato, havia sido obrigado a fazer, para servir de caução ao cumprimento do mesmo contrato.

Em vista d'estas inextricaveis difficuldades a empreza não poude continuar com os espectaculos; e, no dia 17 do mesmo mez, o governo rescindiu-lhe o contrato, e tomou conta do theatro, nomeando commissario regio Antonio de Campos Valdez, o antigo emprezario que tão boas recordações tinha deixado da sua longa e intelligente gerencia theatral, e que, gosando de geraes sympathias, era por assim dizer imposto pela opinião publica.

Eis a portaria que rescindiu o contrato com Freitas Brito & C.ª, e encarregava Valdez da difficil missão de administrar o theatro n'esta crise.

«Sua Magestade El-Rei a quem foram presentes os officios do governador civil de Lisboa de 16 e 17 do corrente, acompanhados das copias de outros da mesma data do emprezario do Real Theatro de S. Carlos;

Considerando que o dito emprezario se declara na impossibilidade de reconstruir a companhia de canto, na conformidade da condição 6.ª do seu contrato;

Considerando que o governo não pode permittir que o mesmo emprezario levante o deposito, como pede, a quantia de 8:000$000 réis para satisfazer aos artistas a quinzena que lhes deve, porque, além de outras circumstancias, o deposito serve de caução e penhor a todas as obrigações resultantes do contrato;

Considerando que o emprezario declarou que, sem o adiantamento da referida quantia, não pode continuar os espectaculos, a que é obrigado;

Convindo obviar tanto quanto possivel, aos inconvenientes que podem resultar da suspensão dos espectaculos no Real theatro de S. Carlos;

Tendo em vista o disposto na condição 28.ª da respectiva escriptura; e

Conformando-se com o parecer do conselheiro procurador geral da corôa e fazenda;

Ha por bem ordenar, e declarar, o seguinte:

1.º E' dado por findo, e rescindido para todos os effeitos legaes, o contrato celebrado entre o governo e a empreza do Real theatro de S. Carlos, F. Brito & C.ª, em 7 de fevereiro de 1879.

2.º A empreza finda é obrigada, nos termos das leis e do seu contrato, á satisfação de todas as dividas por ella contrahidas durante a sua administração, ficando salvo o direito a quaesquer reclamações e liquidações que direitamente possam ter logar.

3.º E' nomeado commissario do governo junto do Real theatro de S. Carlos, Antonio de Campos Valdez, o qual de accordo com o governador civil de Lisboa, tomará desde logo as providencias convenientes para evitar os desvios e descaminhos de quaesquer objectos pertencentes ao referido theatro, adoptando tambem as que forem necessarias para a prompta continuação dos espectaculos.

4.º O governador civil de Lisboa fará logo intimar á empreza finda do Real theatro de S. Carlos as disposições d'esta portaria, que lhe dizem respeito, e dará posse do mesmo theatro ao commissario do governo, Antonio de Campos Valdez; mandando lavrar de tudo termo, com as solemnidades legaes, para ser remettido a este ministerio. O que Sua Magestade manda, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, communicar ao governador civil de Lisboa, para sua intelligencia e execução.

Paço em 17 de novembro de 1883.—*Augusto Cesar Barjona de Freitas.*»

Era uma verdadeira fallencia o desastre da empreza de S. Carlos; mas ainda n'estas difficeis circumstancias o antigo emprezario Freitas Brito conseguiu que os credores não reclamassem, e a fallencia não foi declarada no tribunal, perdendo, porém, o emprezario Freitas Brito, o deposito.

O prejuizo que o Banco Lusitano teve com o theatro era insignificante, comparado com os que estavam para vir mais tarde e que produziram a ruina do Banco e a prisão de alguns directores.

O desapparecimento da empreza foi um grande allivio e causou verdadeiro jubilo á maior parte dos artistas e empregados do theatro, pois que a todos o emprezario devia e, todos contavam perder alguma cousa: emquanto que, o facto de ser o governo quem administrava o theatro, era uma garantia do seguro pagamento de todos os vencimentos, a todos que vivem da primeira scena lyrica de Lisboa.

Este desastre final, porém, de modo algum vinha tirar a Freitas Brito a gloria de ter trazido a S. Carlos grandes celebridades artisticas, e de ter sido o primeiro que fez ouvir em Lisboa uma opera de Wagner, pondo esplendidamente em scena o *Lohengrin*.

A empreza Freitas Brito teve o theatro desde 7 de outubro até 17 de novembro em que lhe foi rescindido o contrato.

A ultima companhia de Freitas Brito comprehendia os seguintes artistas:

Damas: Erminia Borghi-Mamo, Amalia Fossa Mirabella, Anna Bellocca, Elvira Ercoli, Gemma Bellincioni, Esther Neri. (comprimaria)

Tenores: Caetano Ortisi, Piazza, Vincenso Papeschi, Bertocchi.

Barytonos: Jules Devovod, Souvestre, Magnani.

Baixos: Castelmary, Giuseppe Rapp, Del-Fabbro.

N'este periodo representaram-se as seguintes operas:

Roberto-il-Diavolo, de Meyerbeer, em 7 de outubro de 1883, por Borghi-Mamo, Gemma Bellincioni, Ortisi, Piazza, Castelmary, Guidotti, Bertocchi.

Fausto, de Gounod, em 11 de outubro, por Amalia Fossa Mirabella, Elvira Ercoli, Neri, Ortisi, Souvestre, (e depois Devoyod), Castelmary, Del-Fabbro.

Gli-Ugonotti, de Meyerbeer, em 23 de outubro por Borghi-Mamo, Bellincioni, Ercoli, (e depois Neri), Neri, (e depois Eugenia Mantelli), Ortisi, Rapp, Devoyod, Souvestre, Magnani, Piazza, Bertocchi, Del-Fabbro.

Il Trovatore, de Verdi, em 24 de outubro, por Fossa, Ercoli, Neri, Papeschi, Devoyod, Del-Fabbro, Bertocchi.

Rigoletto, de Verdi, em 4 de novembro, por Bellincioni, Ercoli, Neri, Todo, Papeschi, Devoyod, Rapp, Magnani, Bertocchi, Lorenzana, Silva.

Aida, de Verdi, em 6 de novembro, por Fossa, Belocca, (e depois Antonietta Pozzoni), Ortisi, Devoyod, (e depois Salvatti), Rapp, Magnani, Bertocchi.

Durante este tempo a sala do theatro de S. Carlos esteve illuminada com luz electrica produzida em 8 lampadas de arco voltaico, de Brush, colocadas perto do tecto, ao centro, em torno do grande lustre, cujo gaz se conservava acceso, mas com diminuta chamma, para o caso de, havendo algum desarranjo na luz electrica, ser immediatamente substituida pela luz do gaz.

O effeito d'esta illuminação era pessimo; luz

irregular, incerta, com ruido desagradavel; e, projectando-se sobre as caras dos espectadores dos camarotes, produzia nas physionomias um aspecto cadaverico. Prejudicava muito o aspecto do bello sexo. Os camarotes de 1.ª ordem e frisas ficavam pouco illuminados. Eram as machinas que haviam servido na illuminação da Exposição da Arte ornamental que desenvolviam electricidade para esta illuminação.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

— Minha senhora, creio que me percebeu mal. Confesso-lhe que esta menina é perfeita e, se não fosse a presença d'ella intimidar-me, dir-lhe-hia que apaixonada admiração em mim provocou desde o primeiro dia. E' mesmo por isso que não praticarei a impertinencia de pensar que um acaso me possa elevar até ella.

Esperava que a minha humildade desarmasse aquella mãe trovejante. Mas não consegui baixar-lhe nem de meio tom a ira.

— Porque? perguntou. Porque não ha de merecer a minha filha?

— Porque, minha senhora, não tenho bens de fortuna nem posição social.

— Não tem posição! Se casasse com minha filha já tinha uma posição! Parece-lhe pouco ser meu genro? Não tem bens de fortuna! Já alguem aqui lhe falou em dinheiro? O homem que nos tirar d'aqui já nos fez um bom presente de cem mil francos. E' pouco, convenho, mas já é alguma coisa. Talvez ache que cem mil francos é quantia para despresar-se! Então porque não ha de merecer a minha filha?

— Minha senhora, eu não sou...

— Não é o que?... Não é inglez!

— Isso não sou.

— Pois julga-nos tão ridiculas que lhe notemos como crime o seu nascimento? Nem todos podem ser inglezes; a terra, pelo menos por estes annos mais chegados, não pode toda ser ingleza. Mas pode ser-se um homem honrado e até de certo espirito sem se ser positivamente inglez.

— Quanto á honradez é hereditaria em nossa casa. Espirito, tive-o bastante para ser doutor. Infelizmente não conservo illusões sobre os defeitos da minha pessoa physica.

— Talvez queira dizer que é feio. Pois não é tão feio como isso. Tem uma cara intelligente. Não é verdade, Mary-Ann, que este senhor tem uma cara intelligente?

— Isso tem, respondeu Mary-Ann.

Se ella se fez córada respondendo á mãe, viu-o esta melhor do que eu, que não despregava os olhos do chão.

— E d'ahi, continuou M.ess Simons, ainda que fosse dez vezes mais feio, não o era tanto como o meu marido, que Deus haja. Pois digo-lhe que eu era tão bonita como hoje o é Mary-Ann, quando lhe concedi minha mão. Ora agora, que me diz a isto?

— Nada, minha senhora, senão que não sei como agradecer lhe e que, se ámanhã não estiverem em caminho de Athenas, não será culpa minha.

— Que tenciona então fazer? Trate de achar qualquer meio menos ridiculo que o do outro dia.

— Se me quizerem ouvir, depois dirão.

— Fale.

— Não me hão de interromper.

— Já alguem o interrompeu?

— Já.

— Nunca!

— Já.

— Quando?

— Nunca!... Minha senhora, Hadgi-Stavros tem todos os seus fundos depositados na casa dos srs. Barley & C.ª.

— Em nossa casa!

— Em Londres, Cavendaish-square, n.º 31. Ainda na quarta feira elle dictou uma carta de negocios dirigida ao sr. Barley.

— Porque m'o não disse mais cedo?

— Porque me não deu tempo.

— Isso é monstruoso! E' um proceder inexplicavel! Ha seis dias que estariamos em liberdade! Ia ter com elle, dizia-lhe as relações em que estavamos...

— E elle pedia-lhes logo duzentos ou trezentos mil francos. Olhe, minha senhora, mais vale não lhe dizer nada. Pague o seu resgate; peça lhe um recibo e d'aqui a quinze dias envie-lhe uma conta corrente com a seguinte nota: «*Item*, cem mil francos entregues em mão propria por M.ess Simons, nossa associada, de que passou recibo.» E entra assim outra vez no seu dinheiro, sem incommodar a policia. Percebeu?

Ergui os olhos e vi o lindo sorriso de Mary-Ann, radiante de gratidão.

M.ess Simons encolhia furiosamente os hombros.

— O sr. é realmente um homem extraordinario! Veio propôr-nos uma fuga acrobatica, quando do meio tão simples sabia para nos escaparmos! E desde quarta feira que o sabe! Nunca lhe perdoarei ter-se calado.

— Perdão. Queira lembrar-se de que logo lhe disse que escrevesse ao sr. seu mano para pedir-lhe cento e quinze mil francos.

— Cento e quinze porquê?

— Queria dizer cem mil.

— Não; são cento e quinze. E' justo. E o Stavros, depois de receber o dinheiro, não quererá mais nada?

— Os salteadores são os unicos gregos que nunca faltam á palavra. Se uma vez ficassem com os presos depois d'estes pagarem resgate, mais ninguem se resgatava.

— Deve ser assim. Mas que allemão tão original! Ter-se calado com isso!

— Cortava-me sempre a palavra!

— Deixal-o! Falasse.

— Mas, minha senhora...

— Cale-se. Vamos ter com esse maldito Stavros.

O Rei estava almoçando umas rolas assadas, debaixo da sua arvore da justiça e rodeado pelos officiaes validos que lhe haviam restado. Lavára as mãos e mudára de fato.

O Basilio offerecia-se para fazer uma leva de trinta homens no Epiro, onde a vigilancia das auctoridades turcas poz mais de mil salteadores na disponabilidade forçada. Mas o Rei, todo cheio de ideaes inglezes, pensava em organisar um recrutamento á força com todos os pastores da Attica. Era um systema com a vantagem de não precisar de despezas previas e de ainda por cima dar o lucro immediato de todos os rebanhos.

Interrompido em meio do seu conselho, a recepção que Hadgi-Stavros nos fez foi frigidissima. Não offereceu a M.ess Simons nem sequer um copo d'agua. Ella, que não tinha almoçado, não deixou de melindrar-se com essa falta de civilidade.

Na ausencia do Corfiote, usei da palavra em nome das inglezas. Disse-lhe que, depois do desastre da vespera, estimaria talvez saber que M.ess Simons estava resolvida a pagar em brevissimo praso o seu resgate d'ella e o meu; que os fundos seriam entregues no dia seguinte no banco de Athenas ou onde elle entendesse melhor.

— Ora estimo muito, respondeu, que essas mulheres tenham desistido de appellar para o exercito grego. Diga-lhes que lhes vou fornecer o necessario para escreverem, mas que não tornem a abusar da minha confiança, que não tornem a chamar as tropas. Soldadinho que eu veja na serra, corto-lhes a ellas as cabeças. Juro-o pela Virgem do Megaspileon, esculpida pela propria mão de S. Lucas.

— Não ha de haver duvidas. Tem a nossa palavra. Onde quer o dinheiro?

— No banco nacional da Grecia. E' o unico que nunca quebrou.

— Dá-nos um homem de confiança para nos levar a carta?

— O bom velho. Que horas são? Nove? Então o homem ainda não deve estar bebado.

— Quando o irmão de M.ess Simons tiver depositado a quantia e tomado conta do recibo, o frade voltará com a resposta do que se houver passado.

— Um recibo! Nunca passei recibo nenhum! Logo que estejam em liberdade, sabe toda a gente que me pagaram.

— Sempre julguei que um homem como o sr. tratasse de negocios como é costume em toda a Europa. Uma boa administração...

— Trato os meus negocios como me parece e na minha edade ninguem muda.

— Como queira. Era por interesse de M.ess Simons que lh'o pedia. E' tutora da filha menor e tem que dar contas da totalidade da fortuna.

— Pois que se governe. Que tenho eu com isso? Olhem que desgraça, pagar pela filha! Eu cá nunca me custou gastar dinheiro com a Photini. Aqui tem papel, tinta e canas. Veja lá o que ellas escrevem. Olhe que a sua cabeça não lhe está segura nos hombros.

Levantei-me de orelha murcha e retirei-me com as senhoras que, sem saberem a causa, bem viram a minha atrapalhação. Uma subita inspiração fez-me voltar atraz. E' disse ao Rei:

— Com effeito faz muito bem em não querer passar recibo. Eu é que andei mal. A mocidade é imprudente.

— Que quer dizer?

— Que a tudo se deve olhar. Quem sabe se as suas tropas não soffrerão outra derrota ainda maior do que a primeira? As suas pernas não são as dos seus vinte annos e poderia ser que cahisse vivo nas mãos dos soldados.

— Eu!

— E depois era um julgamentosinho como para outro qualquer, porque já não metteria medo aos juizes. Ora o recibo de cento e quinze mil francos seria uma prova esmagadora. Nada de dar armas á justiça! Podia M.ess Simons ou os seus herdeiros ser partes no processo e reclamar o que lhes havia tirado. Nada, nada de assignar recibos!

Respondeu-me com voz de trovão:

— Pois por isso mesmo é que o hei de assignar! E não ha de ser um só, hão de ser dois! D'hoje em diante, vou assignar recibos a toda a gente! Era o que faltava cahir vivo nas mãos das tropas e ir parar ao banquinho dos réos, responder a um juiz, como qualquer labrego que roubou meia duzia de couves! O amigo não conhece Hadgi-Stavros. Mais facil era pôr essas montanhas em cima d'aquellas do que sentar-me no banquinho d'um tribunal. Escreva-me ahi em grego o nome de M.ess Simons e o seu.

— Talvez não seja preciso...

— Escreva. Sabe o meu nome e nunca o ha de esquecer; pois tambem não quero esquecer o seu.

Lá rabisquei os nomes, como pude, na harmoniosa lingua de Platão. Os tenentes do Rei applaudiram-lhe a firmeza, mal prevendo que lhes havia de custar cento e quinze mil francos. Corri para a barraca de M.ess Simons que se dignou sorrir-se, quando soube as artes com que eu roubária os ladrões.

Meia hora depois sujeitava á minha approvação a carta seguinte:

«Parnés. Em meio dos diabos do Stavros.

«Querido irmão:

«A policia que nos mandou em nosso soccorro trahiu-nos e roubou-nos infamissimamente. Enforque os a todos. O Pericles requer uma forca com cem pés de altura. No despacho que hei de enviar a Lord Palmestron hei de queixar-me d'elle muito particularmente e espero consagrar-lhe um paragrapho inteiro na minha carta ao *Times*. Um joven allemão, que primeiro julguei fosse um espia, mas que é um gentleman muito de bem, participou-me que este Stavros, *conhecido por* Hadgi-Stavros, tinha seus capitaes em deposito na nossa casa. Veja se é assim, e, se assim fôr nada nos impede de pagarmos o resgate exigido. Ponha em troca de recido, ás ordens d'esse Stavros no banco da Grecia a quantia de 115.000 fr. (4.600 l. st.) Depois faremos contas. Saude boa, apesar do pouco conchego que encontramos cá na serra. E' coisa monstruosa que duas inglezas, cidadãs do maior imperio do globo, comam assado sem mostarda e bebam só agua como qualquer peixinho.

«Muito sua.

«Segunda feira, 5 de maio de 1856.

«Rebecca Simons»

Fui eu que levei ao Rei o autographo da boa senhora.

Mirou-o com desconfiança e com um olhar tão penetrante, que cheguei a temer que lhe percebesse o sentido. Eu bem sabia que elle não percebia palavra de inglez; mas aquelle diabo enchia-me d'um terror supersticioso como se fosse capaz de obrar milagres. Só o vi satisfeito quando leu o algarismo — 4.600 libras esterlinas. Logo percebeu que se não tratava de policia.

A carta, com outros papeis, foi mettida n'um cilindro de lata. O bom velho poz-se com ella a caminho. O meu coração correu atraz d'elle até ao termo da viagem. Nem Horacio assim seguiu com olhar mais terno o navio que levava Virgilio.

O Rei amansou muito logo que considerou o negocio como concluido. Encommendou em nossa honra um verdadeiro festim. Mandou dar ração dobrada de vinho aos homens. Foi ver os feridos e por suas mãos extrahiu a balla ao Sophocles. Foi a todos dando ordens terminantes para que nos tratassem com toda a consideração que o nosso dinheiro lhes merecia.

O almoço que então comi em companhia d'aquellas senhoras, sem mais testemunhas, foi o mais alegre da minha vida. Toda a minha desgraça acabara! D'ahi a dois dias terminaria meu doce captiveiro! Talvez que, sahindo das mãos de Hadgi-Stavros, uma cadeia adoravel... Comi quasi com tanto apetite como M.ess Simons e atirei-me ao vinho como n'outros tempos ao santorino. Bebi á saude de Mary-Ann, da senhora sua mãe, de meus paes e da Princeza Ypsoff.

M.ess Simons mostrou gosto em saber a historia da nobre estrangeira e eu não julguei dever guardal-a em segredo. Os bons exemplos devem sempre ser citados. Mary-Ann ouviu-me com uma attenção que era um encanto. Opinou que muito bem andára a Princeza e que toda a mulher deve colher a felicidade onde a encontre. Linda maxima! Ó Mary-Ann, nunca marinheiro teve no mar como guia duas estrellas que valessem os teus olhos!

Eu estava sentado mesmo defronte d'ella. Ao passar-lhe uma aza de frango, approximei-me tanto, que vi, duas vezes, em miniatura, a minha imagem reflexir-se nos olhos d'ella. Foi a primeira vez que me achei bonito. Se a linda Mary-Ann assim teria no fundo do coração a imagem que nos seus olhos vi!

Nada d'isto era amor, bem sei; não quero enfeitar-me com um sentimento que, aliás, nunca na minha vida senti. Era uma muito solida amizade, o que basta no casamento. Não sentia commoções tumultuosas remexerem-me as fibras do coração, mas sentia-o fundir-se devagarinho, como um favo de cera aos raios d'um sol dulcissimo.

Sob a influencia d'este transporte ajuizado, contei a Mary-Ann e a sua mãe toda a historia da minha vida. Descrevi-lhes a casa paterna, a cosinha em que comiamos juntos, as caçarolas de cobre penduradas pelas paredes, os paios e os presuntos dentro da chaminé, a nossa existencia modesta, ás vezes cheia de difficuldades, o futuro de cada um dos irmãos: o Henrique deve succeder ao papá; o Frederico é aprendiz de alfaiate; o Frantz e o Nicoláo assentaram praça. Contei-lhes os meus estudos, os meus exames, as distincções que obtivera na universidade, o lindo futuro que me luzia de professor com tres mil francos de ordenado annual.

Não sei se a minha historia as interessou, eu é que gostei immenso de a contar. Ia contando e bebendo.

M.ess Simons não tornou a falar de casamento. Não são coisas para ser tratadas no ar, quando a gente mal se conhece.

O dia passou que me pareceu uma hora. Quero dizer uma hora das boas.

O dia seguinte pareceu sem fim a M.ess Simons. Quanto a mim desejaria poder mandar parar o sol.

Ensinei a Mary-Ann os primeiros elementos de botanica.

Foi na quarta feira pela manhã que o frade nos surgiu no horisonte. Afinal era um bom homem o tal frade. Saltára da cama ainda de noite para nos trazer na algibeira a liberdade.

Entregou ao Rei uma carta do governador do banco e a M.ess Simons um bilhete do irmão.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XIX

A CELLULITHE

Mais um novo producto appareceu no mercado destinado a rivalisar com a celluloide, mas em virtude das vantagens que sobre esta possue, é de prevêr que, de futuro, venha a ter maior acceitação do que esta.

Referimo-nos á cellulithe substancia que tem a particularidade de não ser inflammavel com o calor além d'isso torna-se a cellulithe notavel pela sua grande plasticidade.

«O REI DAS SERRAS» — A surpreza foi grande e M.ess Simons desmaiou...

É extrahida da massa empregada no fabrico do papel a qual se submette a uma batedura, n'um moinho especial denominado pelos francezes *pile*, que a transforma n'uma massa transparente e elastica que facilmente endurece pela dessecação.

Depois de uma batedura da massa durante cerca de 50 horas, temos formado o leite de cellulose (especie de assorda homogenea e amorpha, que facilmente podemos corar, com o emprego de tintas, soluveis ou não) Em seguida a esta operação, aquece-se o producto resultante, filtra-se, e introduz-se este, n'um recipiente cujo fundo é crivado d'orificios por onde se faz o esgotto da materia, evapora-se a 40°, em uma estufa, e recolhe-se a massa que rapidamente se torna dura, podendo mesmo cortar-se em pedaços muito delgados, constituindo assim folhas de cellulithe, muito semelhantes ás folhas do pergaminho, e tendo, como estas, uma grande flexibilidade.

Se previamente á dessecação, juntarmos á massa, serradura de madeira e negro de fumo, teremos assim um producto que muito se assemelha á ebonite.

XX

REGENERAÇÃO DO AR VICIADO

A applicação do bioxydo de sodio para regeneração do ar viciado, segundo os senhores Desgrez e Balthazard, considerados chimicos francezes, parece ter dado optimos resultados, em virtude de analyses realisadas em França por estes mesmos senhores.

Com effeito, é sabido que este producto chimico, em contacto com a agua e o frio decompõe-se dando origem á formação do oxygenio livre e sodio.

Demonstraram os srs. Desgres e Balthazard que n'um recinto hermeticamente fechado, o bioxydo de sodio projectado em pequenas quantidades, desenvolvia uma quantidade de oxygenio sufficiente para a respiração e o sodio, que simultaneamente se formava, fixava o acido carbonico do ar que era expirado e destruindo por oxydação, as toxinas contidas no gaz que era expellido dos pulmões. Foi então que estes senhores imaginaram a applicação d'este processo aos escaphandros que, como todos sabem, são os apparelhos de que os mergulhadores se munem para poderem ir ao fundo do mar.

O escaphandro consiste n'uma peça de metal tendo uma forma approximada a um aerostato e um pouco maior do que a cabeça mediana de um individuo. Na parte do apparelho destinada a estar junto aos olhos do individuo, o metal é substituido pelo vidro, de forma que se possa atravéz d'este, distinguir os objectos e as cousas. Dois tubos communicam o escaphandro com uma bomba destinada a injectar o ar. Estes tubos são: um d'elles, para a sahida do ar expirado, o outro para a entrada do ar a aspirar. O movimento de oscillação dos embolos da bomba aspiradora deve ser feito de forma tal que dentro do apparelho, o individuo tenha sempre a mesma quantidade de ar livre, puro, liberto de acido carbonico, para respirar.

É necessario, como se vê, grandissimo cuidado da parte de quem se acha encarregado de manejar a bomba aspiradora porque aliáz pode occasionar a asphyxia do mergulhador pela falta de ar novo e pela invasão do ar impuro em todo o apparelho.

Todas estas operações necessitam de grande esforço, e muito incommodo. São esses os inconvenientes que os senhores Desgrez e Balthazard pretendem evitar com a descoberta do seu apparelho que passamos a descrever, tal como se acha mencionada na interessante publicação franceza *La Nature*, a que já por mais de uma vez, aqui nos temos referido.

O novo apparelho compõe-se de uma caixa prismatica de aço destinada a conter o bioxydo e a distribuil-o segundo a sua falta. Para tal fim, a caixa divide-se em dez compartimentos separados por taboletas horizontaes sobrepostas, contendo todas, bioxydo de sodio. Um systema de relojoaria faz bascular successivamente e em intervallos eguaes cada taboleta. A quantidade que cada taboleta contém de bioxydo cahe n'uma segunda caixa cubica egualmente de aço, contendo agua, e envolvendo a primeira. Um ventilador movimentado por um motor electrico provoca uma circulação continua de ar viciado e ar regenerado no apparelho e no espaço fechado onde se acha o individuo. O ar ligeiramente aquecido, no momento da sua regeneração passa junto a uma mistura frigorifica que faz com que elle volte á sua temperatura inicial. Todas estas peças são ainda envolvidas n'uma caixa circular de aluminio hermeticamente fechada.

O individuo isola a parte superior do corpo no escaphandro com o apparelho de regeneração, penetrando o ar no escaphandro, por meio de vias respiratorias.

O volume do ar circulante é de cinco litros, e é a essa quantidade que constantemente durante uma hora é revivificada apenas com duzentas grammas de oxydo. Claro é que se se quizer conservar o escaphandro durante duas, tres, ou quatro horas, a dose do bioxydo a empregar, correspondente a este tempo, será dupla, tripla ou quadrupla.

23-9-900.

Antonio A. O. Machado.